

## *Pentecostalismo, catolicismo e bolsonarismo: convergências*

Samuel Valerio<sup>1</sup>

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i37.51811>

**Resumo:** Este artigo se propõe a detectar as pautas comuns entre os parlamentares evangélicos, católicos e o então candidato do Partido Social Liberal (PSL), Jair Messias Bolsonaro. Pode-se perceber que existem agendas comuns aos parlamentares e o presidente eleito, algo que contribuiu para que pudesse chegar ao maior cargo do Poder Executivo da nação. Os candidatos evangélicos, sobretudo pentecostais, encontraram no discurso conservador e liberal de Bolsonaro elementos que os influenciaram a darem-lhe seus apoios. Tais pautas também foram assumidas por candidatos católicos que, ainda que tenham maior autonomia, encontraram em Bolsonaro uma fala que legitimava seu conservadorismo. Portanto, nosso texto procurará expor tais convergências e como foram importantes no apoio de pentecostais e católicos ao modo de fala, tipificando o fluxo eleitoral bolsonarista.

**Palavras-Chave:** Pentecostalismo, catolicismo, Bolsonaro, eleições, religião.

### **Pentecostalism, Catholicism and Bolsonaroism - convergences**

**Abstract:** This article aims to detecting the common guidelines between evangelical, catholic parliamentarians and then-Liberal Social Party (PSL) candidate Jair Messias Bolsonaro. It is possible to see that exists common agendas for parliamentarians and the president-elect, which contributed to reaching the highest office of the executive branch of the nation. Evangelical candidates, especially Pentecostal candidates, found in Bolsonaro's conservative and liberal discourse elements that influenced them to lend their support. Such guidelines were also taken up by Catholic candidates who, although having greater autonomy, found in Bolsonaro a statement that legitimized their conservatism.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro e pesquisador do fenômeno do protestantismo e pentecostalismo brasileiro no GEPP (Grupo de Estudos protestantismo e pentecostalismos PUC-SP). Membro do Grupo de Estudos Memória Religiosa e Vida Cotidiana - UMESP. Membro do RELEP (Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais). Membro do CEHILA Brasil (Comissão para o estudo da história das Igrejas na América Latina e Caribe). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3360-2185>. Email: [samuelpvalerio@gmail.com](mailto:samuelpvalerio@gmail.com)

Therefore, our text will seek to expose such convergences and how they were important in the support of Pentecostals and Catholics to the mode of speech, typifying the pocket-sized electoral flow.

**Key-words:** Pentecostalism, Catholicism, Bolsonaro, elections, religion.

### **Pentecostalismo, catolicismo y bolsonarismo - convergencias**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo detectar pautas comunes entre parlamentarios evangélicos, católicos y el entonces candidato del Partido Social Liberal (PSL), Jair Messias Bolsonaro. Se puede ver que hay agendas comunes a los parlamentarios y al presidente electo, algo que contribuyó a alcanzar la posición más alta del poder ejecutivo de la nación. Los candidatos evangélicos, especialmente los pentecostales, encontraron elementos en el discurso conservador y liberal de Bolsonaro que los influenciaron para apoyarlo. Dichas pautas también fueron adoptadas por los candidatos católicos que, a pesar de tener una mayor autonomía, encontraron en Bolsonaro un discurso que legitimaba su conservadurismo. Por lo tanto, nuestro texto buscará exponer tales convergencias y cómo fueron importantes para apoyar a los pentecostales y católicos al modo de hablar, tipificando el flujo electoral bolsonarista.

**Palabras Clave:** Pentecostalismo, catolicismo, Bolsonaro, elecciones, religión.

*Recebido em 21/02/2020- Aprovado em 23/03/2020*

### **Introdução**

Os elementos metodológicos deste artigo partem dos conceitos utilizados por pesquisadores do campo religioso, tanto da sociologia, da antropologia e da teologia, afim de extrair os conceitos analíticos de compreensão, sobretudo das análises que se referem aos pentecostais, grupo que adentrou o campo político nas últimas décadas com muita força, estando, cada vez mais, demonstrando sua intenção na construção de políticas próprias, ainda que se assemelhem em muito com as demais correntes existentes. Esse ensaio iniciará propondo que o ser humano é um ser religioso. Nos pautaremos na abordagem do sociólogo Saulo de Tarso Cerqueira Baptista que afirma que nas mais variadas sociedades, há presença da religião. O sociólogo e teólogo luterano Peter Berger (1929-2017) afirma que existe algo que nos impulsiona ao transcendente. Já o antropólogo Clifford Geertz (1926-2006), nos coloca que a religião tem alguns pressupostos: 1) sistema de símbolos; 2) estabelece motivações no homem; 3) formula conceitos de existência; 4) concepções com aura de fatalidade; 5) disposições e motivações singularmente realistas. O antropólogo Talal Asad, que se debruça em compreender a visão da religião no oriente, nos coloca que não existe possibilidade de

haver uma visão homogênea sobre a religião. Para a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, por sua vez, afirma que os dispositivos simbólicos e ideológicos fazem parte de determinado grupo de crentes. Trabalhamos o ser humano como um ser político. Propusemos que desde que se conhece a humanidade, os seres humanos fazem política através de seus relacionamentos interpessoais, nas comunidades, nas estruturas sociais que estão postas, sendo a política parte essencial das relações humanas. Contudo, compreende-se que na atualidade, o conceito de política no sentido grego, deixou o centro do poder administrativo a centenas de anos, não havendo mais espaço para tratar do bem comum, antes, a política tornou-se um balcão de trocas.

O objetivo deste texto é propor uma comparação entre as pautas dos políticos pentecostais, católicos e Bolsonaro. Suas convergências, bem como o emparelhamento das agendas públicas de ambos, a fim de haver apoio eleitoral na campanha presidencial de 2018. Apresentaremos a política evangélica e como esta tem influenciado os rumos da nação brasileira. O antropólogo Ari Pedro Oro nos coloca que os evangélicos trouxeram para o campo político elementos simbólicos. Trouxemos a informação de O Globo, em sua versão virtual, onde apresenta-se que os títulos que mais apareceram nas eleições de 2018 foi o de pastor ou pastora, em 313 casos, algo que demonstra a inserção religiosa no campo político. O DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, nos colocou que houve um crescimento da Frente Parlamentar Evangélica - FPE na última eleição, em cerca de 10%. Os políticos conservadores, entre eles, pentecostais e católicos apoiaram Bolsonaro, pois sua pauta contra o aborto, a união de pessoas do mesmo sexo, entre outras pautas da agenda LGBT, pois, os evangélicos não tinham expressão política para eleger um candidato de sua própria confissão de fé, mas legitimaram suas falas e pautas através do então candidato do PSL.

Algo recorrente na eleição de 2018 foi o voto de cabresto<sup>2</sup> pastoral sendo um artifício utilizado por diversos pastores midiáticos e anônimos que, através de ameaças aos membros de suas igrejas, influenciaram seus votos, algo que certamente contribuiu para eleição de Bolsonaro. Muitos surfaram nas ondas provocadas pelo fenômeno político que surgiu como uma bandeira contra a corrupção e em favor da família. Santificaram Bolsonaro e demonizaram Haddad, como se um deles pudesse ser o salvador da pátria, tornando os púlpitos das igrejas verdadeiros palanques eleitorais. Apresentamos a questão da laicidade do Estado e como esta condição está posta em nossos dias. Fica-nos evidente que, apesar de laico, o Brasil tem uma influência cristã latente que se expande socialmente, dando oportunidades de maior infiltração em

---

<sup>2</sup> Muito utilizado no passado pelos coronéis, onde impunham aos seus servos ou empregados em qual candidato deveriam votar.

decisões políticas, por exemplo, algo que não é possível a outros grupos religiosos, não havendo demonstração prática de laicidade. Apontamos o fundamentalismo e seu surgimento como uma possível forma de leitura social dos pentecostais. Contudo, expomos ainda que a melhor definição para a postura cristã no parlamento é o conservadorismo<sup>3</sup>, pois está ligado a preceitos e crenças em voga a muitas décadas, talvez séculos, havendo maior dificuldade de serem alterados.

Conservadorismo social e religioso foi apontado como um fator legitimador do discurso de Bolsonaro que encontrou eco nas pautas de pentecostais e católicos, como o combate a corrupção, ao aborto e as reivindicações dos LGBTs, dando-lhe apoio pessoal e institucional, algo sem precedentes na história eleitoral brasileira, pelo menos nas proporções das últimas eleições presidenciais. O atentado sofrido pelo então candidato do PSL, a santa facada, preservou sua imagem, dando-lhe o tempo de TV e rádio que não tinha, devido ao tamanho de seu partido, abrindo a possibilidade de conhecimento e convencimento de muitos eleitores indecisos que, sensibilizados pelo ato covarde sofrido por Bolsonaro, passaram a vê-lo como um possível salvador da pátria.

A campanha maciça nas redes sociais foi determinante para atingir um público que não adere a TV como forma de obter informações. Estes internautas adicionam e consomem as informações nas redes como forma de estarem antenados com as atualidades, informações gerais e culturais, encontraram nas plataformas online as convicções para optarem pelo oficial da reserva do Exército brasileiro, pois nenhum outro candidato soube utilizar-se de forma tão precisa dessas mídias, dando-lhe um impulso impressionante. A mistura de fé e religião pode ser boa para o grupo que detém o poder no momento, mas a longo prazo, demonstrou ser perigosa e desnecessária, isto porque todos os governos devem governar para todas as pessoas, quer sejam religiosas ou não. Nos últimos anos, temos visto surgir no Brasil grandes escândalos que envolvem religiosos dentro do âmbito político. Ainda que de forma utópica, a política surgiu para melhorar a vida dos seres humanos, de todos. Não se pode promover igualdade sem que haja preparo dos governantes, bom senso, generosidade e empatia pelo diferente. A religião que se insere na política não pode privilegiar seu grupo, antes, deve perceber que existem nas outras confissões de fé necessidades próprias e legítimas que devem ser observadas e atendidas.

O problema de pesquisa salienta-se através do discurso diferenciado dos políticos pentecostais, católicos e de Bolsonaro onde, implicitamente, haveria um novo modo de se fazer política, estando ambos os grupos e o candidato empenhados em buscar

---

<sup>3</sup> Defende as instituições tradicionais na sociedade, opondo-se a visões progressistas para a sociedade e cultura.

alternativas que contradissesse algumas ações governamentais dos últimos anos no Brasil. Detectar e expor tais conteúdos produzidos por eles, assim como as investidas públicas diante de seus respectivos públicos, seus fiéis - no caso dos religiosos- seus seguidores, no caso do capitão da reserva do Exército. Apesar do discurso, as políticas públicas não diferem dos demais grupos representados no parlamento, ao contrário, representam um modelo engessado de políticos e de formas de atuação dos parlamentares brasileiros.

Como metodologia, apresentamos os teóricos da sociologia, antropologia e teologia que estudam o fenômeno religioso e a política, afim de sinalizarmos as compreensões que temos diante daquilo que se apresenta nos últimos dezesseis anos de governo presidencial no Brasil. Destacando que os avanços alcançados não foram suficientes para trazer uma profunda alteração social, antes, em casos pontuais, houveram alguns retrocessos. Tais analistas da política com interface da religião, abordam que os políticos religiosos não deveriam expressar sua compreensão de fé no parlamento. É possível detectar, com certa facilidade, que a religiosidade permeia as malhas sociais brasileiras, portanto, estar presente na política é consequência da ação religiosa na sociedade como todo. Os teóricos da religião nos são importantes na captação de elementos, contudo, extrapolamos suas análises para caminharmos a diante, demonstrando haver conjunturas e cosmovisões que diferem de outros estratos sociais.

Nossa hipótese é que há convergências conservadoras nas propostas dos grupos pentecostais, católicos e do Messias, através das quais uniram-se para propor uma agenda política conservadora moralmente e liberal<sup>4</sup> economicamente. Principalmente por desejarem serem comparados a países como os Estados Unidos onde seu presidente, Donald Trump, foi eleito com o apoio maciço dos conservadores, destacando-se entre eles, diversos grupos religiosos. Contudo, há de se destacar uma profunda diferença em termos eleitorais entre Brasil e Estados Unidos. Enquanto no Brasil o voto é obrigatório, nos Estados Unidos é facultativo, abrindo possibilidade de haver autonomia daqueles que escolhem em votar ou não. Possivelmente tendo como horizonte os caminhos econômicos dos Estados Unidos e a liberdade do mercado, Bolsonaro, pentecostais e católicos uniram-se, afim de firmarem compromissos nas eleições presidenciais de 2018, para estabelecerem agendas similares as estas citadas, algo que possibilitaria um novo rumo para o país, considerando que tudo andaria perfeitamente diante da oscilante política brasileira.

---

<sup>4</sup> Em linhas gerais o liberalismo econômico trata-se de uma economia sem a intervenção estatal, havendo liberdade para os empresários, sendo as decisões econômicas tomadas por indivíduos e empresários influentes no mercado, não pelo Estado ou organizações coletivas.

### ***Ser humano, um ser religioso***

O ser humano é um ser religioso. Não se conhece sociedade que ignore o sobrenatural, o transcendente, o além da matéria, e sobreviva na dimensão exclusiva de uma estreita racionalidade material. Segundo Saulo de Tarso Cerqueira Baptista (2013, p. 139-140):

“não se registra sociedade em que o logos (λογός) esteja divorciado do mithos (μύθος). Há uma necessidade existencial de conferir sentido e significado aos conjuntos de seres, objetos e relações que constituem os universos percebidos e os universos imaginados”.

Em seu pensamento, Peter Berger (2001, p. 19), expressa:

O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da existência empírica neste mundo, tem sido características perenes da humanidade (isto é, uma afirmação antropológica, e não teológica – um filósofo agnóstico ou mesmo ateu pode muito bem concordar com ela). Seria necessário algo como uma mutação de espécie para suprimir para sempre este impulso.

Podemos propor uma definição de religião para o desenvolvimento deste artigo. Para Clifford Geertz (2014, p. 67):

uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo suas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

A definição de religião elaborada por Geertz, citado acima e a nossa religiosidade tem uma forte influência da cultura eurocentrica<sup>5</sup> e não se aplica a muitos lugares do mundo oriental. É necessário um estudo antropológico de cada cultura para poderemos enriquecer o tema, conforme nos coloca Talal Asad (1993, p. 9). É uma ideia absurda pensar em uma cultura mundial homogênea. Na Idade Média se tentou realizar a homogeneização cultural através da religião utilizando as cruzadas<sup>6</sup> e a inquisição<sup>7</sup>.

Ainda nas palavras de Baptista (2013, p. 140): “A religião age nas pessoas, mas não surge do vazio”. Faz parte da experiência humana, e na maioria das pessoas, mesmo dentro do mundo moderno a religião detém uma influência direta e indireta no cotidiano. A religiosidade é aprendida, herda-se dos pais ou avós, em outros casos, a pessoa se converte<sup>8</sup> a determinada crença, e a sua religião passa a nortear sua vida. Ainda há outro grupo de pessoas que a sua religiosidade desperta necessidades, mas a pessoa não mantém vínculos institucionais. Enfim, há vários tipos de pessoas, e há vários tipos de religiosidades. Há ainda, ateus e os sem religião, sendo o grupo foi que mais cresceu no ultimo censo do IBGE<sup>9</sup>.

Outra forma que se tem tentado atingir culturalmente outros povos é impondo um idioma universal, onde, para uma boa comunicação se faz necessário falar e ser compreendido. Linguagem e religião, em muitas culturas, caminham lado a lado. É fácil detectar esta característica na língua árabe, que geralmente está relacionada à fé islâmica/muçulmana. O caso dos muçulmanos, na grande maioria, não conseguem separar religião e cultura. Cultura, língua e religião estão intimamente relacionadas, isto não significa dizer que em lugares onde se fala o árabe não haja influência cultural do ocidente. Um exemplo clássico disso é Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, onde o principado muçulmano contrasta com grandes traços de modernização e secularização.

---

<sup>5</sup> Eurocentrico. Conceito que diz que a Europa é o centro da civilização moderna. Europa é o elemento fundamental na constituição da sociedade moderna, sendo necessariamente protagonista da história do homem. ([www.dicionarioformal.com.br](http://www.dicionarioformal.com.br)). Geralmente está relacionado a uma visão de mundo branca, masculina e cristã.

<sup>6</sup> Expedição militar que se fazia na Idade Média contra hereges ou infiéis. Movimento armado da Igreja Católica.

<sup>7</sup> A Inquisição não perseguia os cristãos-novos, mas apenas os que mantinham o judaísmo, bem como em geral todos os que estivessem contra a Igreja e as suas normas, como todo o tipo de heréticos e, sobretudo após Trento, os libertinos, sodomitas, bigamos, bruxos e feiticeiros, etc. (<http://www.dicionarioinformal.com.br>).

<sup>8</sup> se converte tem o sentido de adesão a uma nova religião. Este termo é comumente utilizado entre os pentecostais.

<sup>9</sup> Para números exatos consultar:

[http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Caracteristicas\\_Gerais\\_Religiao\\_Deficiencia/tab1\\_4.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab1_4.pdf). Acessado dia 21/10/2014.

Para Asad (1993, p. 19), a revolução islâmica no Irã atrasou o projeto de implantação da cultura ocidental entre os povos muçulmanos. Esta questão iraniana tem servido de exemplo de religião como forma de fazer história, como prossegue Asad (1993, p. 24). Os aiatolás iranianos preservam a história persa e tentam relacionar diretamente com a religião.

Danièle Hervieu-Léger (2008, p. 27) define religião como:

um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual se constitui se mantém, se desenvolve e é controlado o sentimento individual e coletivo de pertença de uma linguagem particular de crentes.

O grupo religioso que mais tem desenvolvido estas características nos dias atuais é o muçulmano. Eles transmitem a fé entre as gerações com muito mais facilidade que as religiões do Ocidente e, talvez, este seja um dos principais motivos do crescimento que esta religião tem tido nos últimos anos. Os países que adotam o islã como religião oficial de modo geral não separam religião e Estado. A religião está implícita em tudo e a vida é norteada pela religião. Na política não é diferente, as leis da maioria desses países são regidas pelo Alcorão, livro sagrado dos islamitas/muçulmanos.

Ainda que o Brasil não tenha uma influência maciça da religião em alguns assuntos que dizem respeito a maioria da população, em outros, esta marca é muito evidente. Para o teólogo David Mesquiati de Oliveira (2019, p. 8-9) aponta que há evangélicos pentecostais das mais variadas orientações políticas: “além da composição paradoxal que permite ser conservador em termos de costumes e ser liberal em assuntos econômicos e sociais”. Oliveira segue apontando que há uma incoerência não percebida pelos demais grupos cristãos como resultado da sedimentação cultural brasileira. Os valores tradicionais da família e em termos da moral e sexualidade, ainda o clientelismo, algo comum aos demais grupos, perdendo, segundo Oliveira, sua capacidade de ser uma categoria analítica para estudar o grupo, pois não é algo específico dos pentecostais.

### ***Ser humano, um ser político***

Desde que os seres humanos são compreendidos como comunidades, eles fazem política. Se, nas mais distintas civilizações é possível detectar a religiosidade humana, pode-se afirmar o mesmo quanto à política. Todo povo tem um líder supremo, um colegiado de líderes, ou ainda, um oráculo que pode exercer o papel de líder religioso e político simultaneamente. Na atualidade essa versão de oráculo não é muito comum, mas em outras épocas da história humana este personagem obteve grande proeminência.

O desenvolvimento social da humanidade fez emergir lideranças, conseqüentemente, a necessidade do surgimento das comunidades e, posteriormente, as cidades mais avançadas, fez emergir lideranças que passam a fazer política pensando no bem comum de todos. É bem verdade que esse pensamento não funciona com perfeição para além das controvérsias, as questões de oposições e traições não escondem da história os problemas enfrentados.

Surgiram juntamente com os líderes variados tipos de governos, alguns utilizados até os dias atuais, e outros, obsoletos como: monarquia; aristocracia; ditadura e oligarquia, entre outros. Os tipos de governo servem para suprir questões distintas de cada nação, povo, etnia ou comunidade, dependendo de suas especificidades. Atualmente, política tem muito mais a ver com balcão de troca e negociações do que a prática do bem comum e seu desenvolvimento. Se faz política hoje com enfoque totalmente míope pensando para que de fato ela surgiu. O que propomos aqui não é uma discussão aprofundada do tema, mas demonstrar que o ser humano é um ser político.

### ***Política evangélica***

A política tem tido inserção religiosa, já não é de hoje e, como característica desta emersão religiosa há um discurso que traz para o campo político importantes elementos simbólicos do campo religioso, como nos afirma Ari Pedro Oro (2003, p. 53). No caso das eleições de 2018 foram eleitos oitenta e quatro parlamentares, dos mais variados ramos evangélicos, tendo havido ainda, dois candidatos à presidência, Marina Silva (REDE) e Benevenuto Daciolo Fonseca dos Santos (Cabo Daciolo - PATRIOTA), derrotados ainda no primeiro turno, tem filiação religiosa com a Assembleia de Deus. Cabo Daciolo faz questão de deixar claro esta questão, enquanto Marina Silva faz questão de separar religião e política. Em 2014 tivemos 276<sup>10</sup> casos de títulos de pastores, bispos e apóstolos atrelados a candidatura, já em 2018, conforme nos aponta a reportagem do globo, de 20/08/2018<sup>11</sup>, em sua versão virtual: O principal título religioso utilizado nos pedidos de registro de 2018 é o de “pastor” ou “pastora”, em 313 casos, seguido por “irmã” ou “irmão” (97) e “missionário” ou “missionária” (40). Um aumento de pouco mais de 13% se comparado a 2014, comparando apenas ao nome de pastor ou pastora. No total houve um aumento de mais de 63% em candidaturas com títulos religiosos.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.folhapolitica.org/2014/08/274-candidatos-usam-pastor-ou-bispos-nas.html>. Acessado em 9/10/2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/08/20/mas-de-500-candidatos-usam-titulos-religiosos-no-nome-de-urna.ghtml>. Acessado em 21/11/2018.

O DIAP<sup>12</sup> aponta o crescimento da Frente Parlamentar Evangélica - FPE em pouco mais de 10% neste último pleito eleitoral, o que corresponde que os temas da agenda propostos pelo candidato à presidência eleito do Partido Social Liberal - PSL, Jair Messias Bolsonaro e dos parlamentares católicos e evangélicos estão diretamente ligados. Bolsonaro, com sua pauta conservadora e sua fala contundente personifica e reverbera a mensagem dos parlamentares evangélicos pentecostais que, por sua vez, não tem os meios para que um pentecostal chegue ao cargo político máximo da nação.

Os pentecostais encontraram em Bolsonaro uma forma de impor suas pautas políticas contra o aborto, a união de pessoas do mesmo sexo, entre outras causas LGBT, entre outras, apoiando sua candidatura e, possivelmente se filiando a ele em futuras propostas de leis que proponham um futuro diferente do que estava posto pelos governos antecessores. A veemência na fala de líderes pentecostais, que se inflamaram através da internet, principalmente nas redes sociais, encontraram em muitos adeptos apoio, promovendo, em muitos casos, o ódio e a polarização de grupos cristãos que enxergam as questões políticas de formas distintas. Para tanto, pentecostais e católicos se uniram a fim de derrubar os oponentes com pautas políticas mais progressistas.

### ***Voto de cabresto pastoral***

Não houve, por qualquer candidato ao cargo de presidente da República a exposição de propostas mais contundentes e claras, algo característico nas eleições por todo o Brasil, estando os candidatos, na grande maioria dos casos, mais voltados a acusações aos seus oponentes e, nesta eleição especificamente, as fake news é que tiveram a proeminência na agenda, não apontando meios para que os eleitores pudessem ter acesso ao quadro de possíveis argumentos que poderiam levar a eleição presidencial para outro patamar e, quem sabe, um outro desfecho. Os pentecostais pegaram carona no caldo do que se tornou o fenômeno Bolsonaro para darem suas caras e cartas. O apoio desvelado ao candidato do PSL se deu até dentro das igrejas, algo que na teoria é proibido. Houve orientação para que os fiéis de determinadas denominações votassem em peso em Bolsonaro, o que é chamado de voto de cabresto pastoral. Diversos líderes pentecostais já se portavam como verdadeiros coronéis, portanto, agora ficou explicitado com toda a clareza o tipo de liderança que alguns pentecostais exercem sobre o povo.

Santificaram Bolsonaro afirmando que ele, somente ele, poderia dar fim ao quadro de corrupção que está posto e que ele será o presidente que levará o país a patamares ainda não alcançados. Ainda que seja possível que isto ocorra, não depende

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/28532-eleicoes-2018-bancada-evangelica-cresce-na-camara-e-no-senado>. (Acessado em 20/11/2018, às 10 horas).

exclusivamente do presidente, mas de diversas articulações políticas que poderão levá-lo ou não a concretizar suas promessas de campanha. Em contrapartida, muitos pentecostais demonizaram Fernando Haddad, tornando-o a oposição extrema das causas evangélicas, pois o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) buscava outras pautas que, como vimos anteriormente, são caras aos pentecostais e católicos. Aparentemente nunca houve uma eleição presidencial onde os evangélicos, sobretudo os pentecostais, tiveram tamanha influência na decisão sobre seu público, os adeptos de suas respectivas igrejas.

### ***Estado laico***

O discurso religioso de Bolsonaro dentro do Estado laico pode nos levar a perceber que a religião ainda traz grande influência na vida das pessoas. Somos um país laico, mas não somos ateus, a religiosidade cristã permeia a cultura brasileira através da literatura, arquitetura, música e arte, entre outras. Esta grande influência da religião cristã está nas repartições públicas, onde geralmente há um crucifixo, denotando haver influência católica.

Diante da situação da laicidade brasileira, pautada sob o catolicismo como a religião de referência, reagiu a novos atores emergentes — os evangélicos —, que se comportam como uma religião pública que pretende regular o mundo secular (Montero, 2006, Apud, Almeida, 2019, p. 208)? Diante dessa pergunta, apontamos a direção da conveniência. Os políticos religiosos, tanto católicos como evangélicos, sobretudo os pentecostais, uniram-se em suas pautas conservadoras para alinharem-se ao candidato Bolsonaro, a fim de serem importantes na coalisão de futuras ideias e planos que beneficiariam a todos, candidato e parlamentares religiosos.

Laico sim, ateu não

O Brasil passa de um país oficialmente católico pela Constituição Imperial, fizemo-nos laicos pela Carta Magna de 1891 com o reconhecimento da liberdade de religião e de expressão religiosa, vedando-se ao Estado o estabelecimento de cultos, sua subvenção ou formas de aliança, como coloca-nos Cury (2004, p. 188). A laicidade do país é citada como algo que traz um ganho social importante, mas na prática, o povo, que até pode ser laico, mas a maioria não é ateu, não se importa com símbolos religiosos expostos em repartições públicas, por exemplo. Se na prática fossemos um povo laico tal procedimento seria inconcebível. Poderíamos ter símbolos cristãos nas instituições públicas, mas teríamos que ter também símbolos judaicos, muçulmanos, budistas e afro-brasileiros, entre outros.

O Estado é laico, mas as manifestações religiosas estão no espaço público, o que para nós pesquisadores de religião é uma ambiguidade maravilhosa, pois restringir a

pesquisa ao espaço privado empobreceria a mesma. Os sociólogos previam a redução das manifestações religiosas na esfera privada, mas, mesmo com o advento da secularização, parece que o futuro nos tem apontado outra direção. Muitos países secularizados reduziram bastante o lugar da religião, em contrapartida outros lugares têm resistido ao secularismo e, ao contrário das projeções, as religiões têm crescido e alcançado um lugar de destaque social, e em muitos casos exercendo o papel social importante diante a inércia do Estado.

Portanto a expressão religiosa externa é de suma importância no desdobramento social e político, perpassando uma pelas outras. É necessário, porém, tratar com igualdade todas as expressões religiosas, não podendo haver qualquer tipo de discriminação ou partidarismo. Talvez seja utopia pensarmos que é possível viver com as diferenças religiosas, mesmo que a nossa não tenha como objetivo manifestar-se na esfera pública.

O Brasil, como país laico, abarca fenômenos religiosos muito relevantes. Somos considerados o maior país Católico do mundo, temos a maior igreja Pentecostal do mundo, a Assembleia de Deus – AD. Detecta-se o crescimento muito significativo nos últimos anos das igrejas Neopentecostais, e um fenômeno novo, o crescimento dos sem religião, segmento que mais cresceu segundo as estatísticas de 2010 do IBGE. A singularidade do campo religioso brasileiro resulta em contextos sem precedentes, por exemplo, elementos de cultos de matriz afro-brasileira são incorporados em missas católicas em Salvador (BA), na lavagem da escadaria da Nossa Senhora do Bonfim e, em cultos neopentecostais são incorporados elementos como sal grosso, roupas brancas nas sextas feiras e etc. Ainda, símbolos judaicos são introduzidos a tais cultos, o que, até pouco tempo, era visto com maus olhos por estas comunidades de fé. Nossa laicidade está carregada de religiosidade. O sincretismo religioso encontra no Brasil uma terra adaptável e se expande, sendo muito comum hoje em dia pessoas terem dupla e até tripla pertença religiosa.

### ***Situando o termo fundamentalismo***

Segundo Sandra Duarte Souza (2013, p. 8), o fundamentalismo é uma expressão típica da modernidade. Este termo é uma reação ao mundo moderno secularizado, pois está diretamente ligado à tradição religiosa escrita, quer seja a Bíblia para os cristãos, a Torá para os judeus ou o Alcorão para os muçulmanos, como verdade absoluta a ser observada sem contestação. Ainda, prossegue Souza (2013, p. 9), este termo fora cunhado por Curtis Lee Laws em 1920, durante a Northern Baptist Convention, identificando aqueles que militavam pelos fundamentos da fé protestante.

O termo que se originou entre os protestantes estadunidenses e se espalhou por todo o mundo, seja em termos geográficos ou religiosos. Muitos cristãos no mundo denominam-se fundamentalistas, ou assumem discursos e práticas religiosas afinadas a estas ideias, se opondo ao avanço da modernidade em muitas esferas, afirma Souza (2013, p. 10).

As discussões sobre o fundamentalismo religioso ganharam corpo principalmente após o trágico 11 de setembro de 2001 com o ataque as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, Estados Unidos. Por muitos anos, a expressão fundamentalismo religioso foi monopolizada para as diversas análises sobre o fundamentalismo islâmico. É necessário que o conceito seja analisado a partir de sua polissemia, pois a defesa dos fundamentos sempre foi premissa básica dos diversos fundamentos religiosos. O importante é compreendermos como, no Brasil, a defesa dos fundamentos religiosos por grupos evangélicos pentecostais colocou as estruturas do Estado Laico em estado de negação.

O conceito fundamentalista foi transportado e relacionado aos parlamentares evangélicos no Brasil. Parte do senso comum da sociedade brasileira, faz uma crítica atualmente aos cristãos evangélicos onde expressam que ser cristão evangélico pentecostal é sinônimo de fundamentalismo, nos termos citados acima, o que é um engano. Pode-se apontar diversos grupos pentecostais fundamentalistas, contudo, é possível captar, ainda que de forma mais tímida, grupos pentecostais mais progressistas. Existem diversos tipos de Pentecostalismos.

### ***Conservadorismo político, social e religioso: modelos convergentes***

Desejamos expor aqui que a eleição de Bolsonaro como presidente do Brasil aponta-nos um forte crescimento na onda de conservadorismo na sociedade. Analisa-se, muitas vezes, a influência das lideranças religiosas conservadoras sobre seu público, mas, em muitos casos, não se analisa o público como agente religioso e social. Vivemos em dias de emancipação em diversas esferas da vida e isto pode apontar, entre outras coisas, que há um agente religioso que está emancipado<sup>13</sup> da religião, mesmo que esta exerça grande influência sobre o fiel e seu modo de vida. Esta pessoa tem autonomia em suas decisões, não havendo como exercer um controle mais profundo sobre este aspecto, estando livre para decidir quanto as questões postas no dia a dia, entre elas, a questão eleitoral. A eleição de Bolsonaro seria um sinal potente de que o alcance da cosmovisão conservadora não se restringe somente aos cristãos evangélicos e católicos, conquistando

---

<sup>13</sup> Emancipado aqui tem a conotação de não estar vinculado ou ser membro de uma instituição religiosa.

votos da população não evangélica e católica? Ou estaria os evangélicos e católicos conservadores sintonizados com posições conservadoras já existentes na maior parte da população e, em consequência, canalizando sua simpatia e apoio a uma corrente que expressa claramente valores com os quais se identifica?

A eleição de Bolsonaro, com mais de 55% dos votos válidos, pode-nos apontar que a nação, ainda que tenha passado por diversas e profundas mudanças nas últimas décadas, demonstra ainda ser conservadora. Não desrespeitando o direito do diferente, mas expondo que, a partir de seu voto, pode desejar a caracterização da família tradicional, segurança através do acesso a posse de arma, uma visão econômica liberal, o apoio ao combate a corrupção e a atuação policial sem maiores punições quando estiverem em campo combatendo infratores da lei. Pensam sempre na vida, mas, primeiramente, na vida da pessoa trabalhadora e de bem.

Gedeon Freire de Alencar (2019, p. 22) nos aponta o que denomina de “problema interno da maioria cristã: Deus? Qual? Em tese, para os católicos é fácil resolver pois, na Igreja Católica, com milênios de hegemonia religiosa, através de sua teologia magisterial, mesmo havendo ainda hoje resquícios da Inquisição, tendo claramente definida e delimitada as distâncias entre clero e laicato, cada um sabe seu lugar. Tendo, afinal, em sua fala oficial a prerrogativa da infalibilidade. E, no caso, nem Deus pode mudar o que a Igreja já determinou, encerra Alencar.

As pautas assumidas por Jair Bolsonaro, como os costumes, agregaram força dentro do Congresso Nacional, estabelecendo um vínculo com os evangélicos, remetendo-os a alguns episódios, como o batismo no rio Jordão — o mesmo onde Jesus foi batizado por João Batista —, realizado pelo pastor Everaldo, da Assembleia de Deus, candidato derrotado na campanha eleitoral à presidência de 2014, filiado ao Partido Social Cristão (PSC). Os evangélicos movimentaram-se do púlpito ao palanque nas eleições para a Assembleia Constituinte, em 1986, Bolsonaro, assim como o ex-presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (MDB-RJ), fizeram o movimento contrário, como nos aponta Almeida (2019, p. 200).

Como expressa-nos Liniker Xavier (2019, p. 102), o protagonismo do voto evangélico em 2018 acirrou a disputa eleitoral. Os principais candidatos à presidência disputaram os votos dos pentecostais, contudo, nenhum outro teve maior êxito que Bolsonaro, que apesar de declaradamente católico, conseguiu aderência para dialogar com o povo pentecostal, respondendo aos anseios do segmento mais conservador do grupo. A relação era um tanto contraditória se levarmos em consideração alguns fatores religiosos. De forma geral, a doutrina pentecostal assembleiana baseia-se em preceitos definidos de forma oficial em sua Declaração de Fé, publicada em 2017, onde se aborda a possibilidade de transformação do ser humano que possa estar envolvido com a

criminalidade, por exemplo, sendo reinserido na sociedade. Contudo, o então candidato do PSL pautava seu discurso com a máxima que bandido bom é bandido morto e, mesmo assim, garantiu a aderência dos pentecostais para sua eleição, conclui Xavier.

Almeida (2019, p. 204) expõe que as discussões do segundo turno das eleições de 2018 ficaram circunscritas ao campo das moralidades. Primeiramente, para religiosos e leigos, o combate à corrupção — ressaltado constantemente como o mal maior da política — deslegitimando o discurso à esquerda. Para atingir essa finalidade, a corrupção é combatida com pessoas de bem, preferencialmente de fora do poluído sistema político.

Outro aspecto apontado por Almeida (2019, p. 205), é que Bolsonaro ao abraçar a pauta dos costumes, articulando-se, de um lado, com a base parlamentar evangélica e, por outro, com os eleitores evangélicos, que costumeiramente leva em consideração às questões relativas ao corpo e aos comportamentos. Com seu discurso que se colocava contrariamente a praticamente todas as mudanças referentes à sexualidade, gênero e reprodução. Coloca-se contra o aborto e causas relacionadas ao movimento LGBT. Veementemente combateu a ideologia de gênero, algo que assombra a população conservadora, gerando um certo tipo de pânico social, conclui Almeida.

Observamos que houve um desejo por uma política nova, pelo menos, o desejo de arriscar em um candidato que prometia estar desvinculado do modelo político arcaico dos últimos anos que, através de seu discurso, afirma ter um passado limpo e sem envolvimento com casos de corrupção, algo muito explorado por ele em sua campanha. A ascensão de Bolsonaro está certamente muito mais ligada ao antipetismo do povo brasileiro do que às posturas políticas do então candidato, pois poderíamos fazer menção de vários episódios que, o então parlamentar, deu declarações polêmicas, algo que destoa totalmente de movimentos religiosos, que posteriormente, o apoiaram, ajudando-o a se eleger presidente do Brasil.

Almeida (2019, p. 212), afirma que a dimensão conservadora tem camadas mais profundas e duradouras, precedendo e suplantando a atividade dos evangélicos como religião pública no Brasil. Assim como nem todos os evangélicos são conservadores, deve-se igualmente destacar que a pauta conservadora vai além dos evangélicos conservadores. Desta participam católicos, bem como outras religiões e atores sem filiações religiosas.

Em matéria publicada na revista *Época*<sup>14</sup>, Ronaldo de Almeida faz um apontamento sobre os parlamentares evangélicos:

---

<sup>14</sup> <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/05/o-brasileiro-nao-e-tao-conservador-quanto-parece.html> Acesso em 1/08/2019.

As pessoas falam em uma nova onda conservadora, mas a verdade é que o conservadorismo sempre existiu no Brasil. A diferença é que agora os evangélicos assumiram uma postura ativista na política, algo que não acontecia antes.

Almeida cita ainda, na mesma entrevista, quatro pontos afinados com o discurso de Bolsonaro que promoveram a nova onda conservadora:

A primeira é a segurança, com a defesa do porte de armas e da punição para os menores. A segunda está ligada ao corpo, às questões de gênero, aos vínculos afetivos. Junto com isso vem a intolerância, que traz consigo a lógica da produção de inimigos. E por fim há a linha econômica: eles costumam adotar uma postura liberal e de estímulo ao empreendedorismo. A proposta é que cada um assuma o seu destino, conquiste sua prosperidade, sem depender do Estado.

Pelo que se pôde notar na eleição presidencial mais polarizada da recente e frágil democracia brasileira, o conservadorismo está presente na sociedade, permeando costumes e comportamento. Estando também presente fortemente nas instituições religiosas cristãs, as quais, mesmo que tenham perdido terreno, ainda influenciam fortemente a sociedade brasileira, dando contornos sociais que marcam o Brasil como uma das nações mais religiosas do mundo. Somos conhecidos, entre outras coisas, como o maior país católico do mundo, temos ainda a maior igreja pentecostal, a Assembleia de Deus - AD e, corriqueiramente surgem novos segmentos religiosos cristãos, o que modifica quadros analíticos, fazendo-nos refletir constantemente sobre o que está posto. Contudo, não se pode desprezar que segmentos não cristãos, agnósticos e ateus simpatizaram com as propostas o então candidato, revelando-nos, mais uma vez, que o conservadorismo perpassa outros estratos sociais, expondo modelos similares de cosmovisão social.

### ***Santa facada***

Em 6/09/2018, o então candidato à presidência da República, Bolsonaro, sofreu um atentado em Juiz de Fora - MG, onde participava de um ato de campanha eleitoral. Levado a Santa Casa da cidade, onde recebeu os primeiros socorros e passou por uma cirurgia de emergência, tendo sua vida preservada pela eficácia do atendimento dos

profissionais da saúde daquele hospital. Pensando no que este ato criminoso representou para impulsionar a até então, modesta campanha do candidato, podemos afirmar que, a partir do episódio, teve seu nome citado na TV, rádio e internet mais do que qualquer outro candidato concorrente ao cargo de presidente do Brasil.

Almeida (2019, p. 198), analisando a campanha do pleito eleitoral à presidência da República, em 2018, afirma: A facada sofrida por Bolsonaro lhe conferiu proteção de imagem. De certa forma isso ocorreu, pois nenhum outro candidato tinha como atacá-lo, pois era vítima de um ato covarde, algo que todos os demais estavam expostos, mas, sobretudo, não poderiam confrontar alguém fragilizado pelos acontecimentos. Contudo, ser vítima do ato fortaleceu Bolsonaro, que mesmo sem tempo na TV e rádio, pôde estar diariamente nas rodas de conversas politizadas, algo comum naquele momento no país.

Em um primeiro momento, tanto esquerda, como direita, viam que a facada iria vitimizá-lo o suficiente para levá-lo ao segundo turno, coloca-nos Almeida (2019, p. 201). Diversas pessoas ficaram sensibilizadas e, através de vários vídeos produzidos, contavam sua determinação e superação, contando ainda com um acentuado léxico político-religioso. Por outro lado, alguns o culpavam pela violência sofrida. O maior proveito dos fatos foi o aparecimento constante nos noticiários diários frente a quem tinha um tempo ínfimo de horário eleitoral gratuito e, por outro, a ausência nos debates, expressa Almeida.

A eleição do capitão da reserva do Exército brasileiro ao cargo máximo da nação está mais vinculada a um conservadorismo social e religioso do que a um fundamentalismo, ao qual, alguns referiam-se, apoiar categoricamente o candidato que acabou elegendo-se presidente. Muitos religiosos fundamentalistas apoiaram Bolsonaro, mas muitos não religiosos conservadores também o apoiaram e, certamente, foram determinantes no resultado das eleições presidenciais de 2018. Portanto, conservadorismo social e religioso e algumas promessas como a preservação da família nuclear, o combate a ideologia de gênero, o posicionamento contra o aborto e a promessa algumas reformas, como o combate a corrupção, a posse de armas, o combate a violência e de uma economia liberal sem intervenção do Estado, foram elementos determinantes para o sucesso na corrida eleitoral à presidência da República.

### ***Campanha nas redes sociais: Twitter, Facebook e WhatsApp***

Outra estratégia utilizada pelo então candidato foram as redes e mídias sociais e algumas poucas entrevistas para jornais e emissoras de TV e rádio, onde ele não só atacava seu maior oponente político, Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT), bem como expunha de forma muito superficial e sucinta, mas objetiva, suas propostas de campanha. Através de pequenas postagens foi atingindo seu eleitorado, já

que não tinha direito a um grande período na propaganda eleitoral obrigatória, essa forma de se posicionar frente as questões políticas funcionou muito bem, estando mais acessível aos eleitores que utilizam-se dessas ferramentas tecnológicas para se comunicarem e se expressarem. Enquanto seus oponentes gastavam milhões de reais em propaganda política em TV e rádio, Bolsonaro fez uma campanha em outras esferas, gastando poucos recursos financeiros, R\$ 2.456.215,03<sup>15</sup>, atingindo seu público de forma aparentemente certeira. A utilização das redes e mídias sociais fizeram com que a campanha eleitoral do candidato tivesse um baixo custo, pois a sua não participação em debates na TV, a impossibilidade de gravar e colocar no ar os programas eleitorais, obrigatoriamente o fizeram economizar o dinheiro destinado para sua campanha eleitoral.

Passamos aqui a expor pequenos trechos de postagens em suas mídias sociais, bem como parte de duas entrevistas, uma do próprio candidato e outra por Paulo Guedes, que se tornou seu ministro da Economia.

Quanto a questão da segurança, em uma entrevista<sup>16</sup> postada em seu perfil no Facebook após ir ao velório de um militar morto em combate com criminosos, Bolsonaro expôs:

Nós temos que ter uma retaguarda jurídica. Se estamos em guerra, os dois lados podem atirar, e não apenas um lado. Quando é que se busca solução para isso daí? Se chama excludente de ilicitude, existe em muitos estados norte-americanos. O elemento, ao ser flagrado portando uma arma de forma ostensiva, o lado de cá pode atirar primeiro sem problema nenhum.

Em uma de suas postagens no Twitter, em 11/10/2018<sup>17</sup>, referindo-se a reforma administrativa, Bolsonaro declara:

Pretendemos realizar uma REFORMA ADMINISTRATIVA no governo, reduzindo e remanejando gastos desnecessários, destinando recursos para áreas essenciais, combatendo

<sup>15</sup>

<http://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/candidato/2018/2022802018/BR/280000614517>. Acesso em 1/08/2019.

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/watch/?v=1970923006306032>

<sup>17</sup> <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1050467052803301376>

fraudes e possibilitando a melhora de programas sociais, tudo sem custo. Isso é possível com independência e nós temos!

Em uma entrevista à TV Globo<sup>18</sup>, em 20/10/2018, falando a respeito do modelo econômico do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, Bolsonaro declarou:

Ele quer uma América grande. Eu quero o Brasil grande também. Ele está preocupado com seu país. Ele diminuiu a carga tributária dos empresários, muitos criticaram, mas com isso voltou o emprego. As empresas que estavam fora do seu país voltaram para o seu país. A Inglaterra fez isso há 20 anos atrás. E o que nós queremos é isso.

Em Davos, Noruega, Paulo Guedes, em entrevista à Bloomberg TV, reproduzida pelo jornal Correio brasileiro<sup>19</sup> o principal ministro de Bolsonaro, declarou:

Estamos indo na direção de uma economia pró-mercado, aberta e com privatizações. Vamos privatizar, integrar a economia ao restante do mundo, afirmou o ministro, que está em Davos, na Suíça. (Nesta agenda) Estamos 40, 45 anos atrasados em relação a outros países.

Atualmente, o presidente eleito não consegue se articular com tanta facilidade quanto aparentava em dias de campanha, isto porque boa parte dos deputados federais são da oposição e, ainda, outra parte não compreende que Bolsonaro tem condições para dirigir o país. É fato que as dificuldades enfrentadas por ele não podem servir de desculpas, haja visto que durante a sua caminhada parlamentar de vinte e sete anos, não conseguiu fazer muitos aliados políticos, algo apontado por ele como bom, pois, segundo ele expressou: Estou sendo eleito sem ter o rabo preso com ninguém<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/20/bolsonaro-diz-que-buscara-comercio-sem-vies-ideologico-na-america-do-sul.ghtml>

<sup>19</sup>

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/01/23/internas\\_economia,732432/bolsonaro-foi-eleito-devido-a-agenda-economica-liberal-diz-guedes.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/01/23/internas_economia,732432/bolsonaro-foi-eleito-devido-a-agenda-economica-liberal-diz-guedes.shtml)

<sup>20</sup> <https://www.oantagonista.com/brasil/estou-sendo-eleito-sem-ter-o-rabo-presos-com-ninguem/>. Acesso em 1/08/2019.

Objetivamente a campanha foi barata, mas pode lhe custar muito caro. Pode lhe custar um esforço maior do que o esperado abrir mão de algumas convicções, a fim de agradar parlamentares que passariam a apoiá-lo em decisões importantes para o país. Enfim, não se altera uma cultura política apenas com uma eleição atípica, que em muito se diferenciou das anteriores, mas surge a possibilidade de haver mudanças, que já é mais do que aquilo que tínhamos, estrutura política na qual estava inserido o presidente eleito.

### *Fé demais não cheira bem*<sup>21</sup>

O discurso fundamentalista ou conservador muitas vezes não corresponde ao procedimento no parlamento. Muitos desses novos atores religiosos eleitos não têm nenhuma militância política partidária para ser de fato representante do povo, mesmo que dos evangélicos. Alguns não têm expressão denominacional, mas encontram apoio de um pastor, bispo ou apóstolo de expressão nacional. Confiados na figura do líder que os apoiam, muitos cristãos evangélicos votam e elegem tais representantes. Essa lógica pragmática acabou favorecendo não só a entrada dos pentecostais na política institucional, como também na direção das máquinas partidárias, como nos coloca Machado (2012, p. 35). Concomitantemente, pentecostais e católicos, cada qual em suas funções legislativas, uniram-se em torno de pautas similares, encontrando no discurso do então candidato Bolsonaro, o apoio para traçar objetivos e metas para um plano de governo para a nação.

O centro do discurso de diversos parlamentares evangélicos pentecostais é pautado na Bíblia ou em sua interpretação, ou a de cada um, segundo seu próprio interesse. No slogan da candidatura, Bolsonaro afirmava: Deus acima de tudo, o Brasil acima de todos, denotando claramente a sua preferência pela fé cristã através de suas colocações sempre acaloradas e diretas. Pauta sua política pela ética e, segundo aquilo que julga ser importante, cita exemplos bíblicos fora de contexto para dar um ar de cristandade ao seu discurso.

Pentecostais e católicos empenham-se em estar próximos ao presidente, pois entendem que o mesmo levará a sério as intenções políticas desses grupos. A religião como forma de empoderamento político tem sido a principal estratégia dos parlamentares cristãos que associam seus mandatos a Bolsonaro. Querem surfar a onda

---

<sup>21</sup> Filme de 1992, dirigido por Richard Pearce, USA. Sinopse e detalhes: Jonas Nightengale (Steve Martin) é um falso pregador de fé, que usa todos seus truques com a Bíblia na mão de forma a atrair as pessoas para seus cultos. Ele, a namorada Jane (Debra Winger) e sua equipe rodam os Estados Unidos, parando nas cidades para montar seu “espetáculo”. Quando um dos caminhões quebra em uma pequena cidade, Jonas aceita o desafio de fazer dinheiro nela. Desta forma passa a

em que o presidente tem conseguido, pelo menos aparentemente, em seus primeiros meses de mandato no executivo da nação. Sabemos que o legislativo, mesmo sendo um poder distinto, traz influência sobre as decisões do executivo, podendo barrar agendas propostas pelo governo federal. Portanto, sabendo de sua força parlamentar, os políticos cristãos, católicos e pentecostais, aproximam-se dos interesses do presidente, a fim de estarem ligados a decisões conservadoras na administração federal da nação.

Se, em outras ocasiões no passado, tanto pentecostais como católicos demonizavam uns aos outros, na atualidade, esses dois grupos unem as forças para efetivamente estarem emparelhados com as decisões tomadas pelo presidente que estejam ajustadas com seus interesses políticos. Toda espiritualidade de pentecostais e católicos tem sido colocada em segundo plano quando se trata dos interesses comuns entre esses grupos. Suprimem suas convicções religiosas e teológicas em troca de um discurso conciliador, demonstrando que, quando há interesses para além da fé, se faz preciso um esforço extra na intenção de uma convivência cordial, algo que destoia profundamente do discurso de parte dos púlpitos pentecostais e altares católicos, como algo que não cheira bem.

### *Considerações Finais*

O fenômeno ocorrido nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil abriu várias cicatrizes sociais, apresentando-nos dois grupos distintos em sua forma de conceber a política, mas tendo o mesmo viés extremo. Os apoiadores do presidente eleito, Bolsonaro, colocaram-se veementemente contrários a continuidade dos governos antecessores do PT. Por sua vez, os apoiadores do candidato derrotado no segundo turno, Fernando Haddad, opunham-se ferozmente ao candidato eleito. Este extremismo entre os eleitores dividiu, em certa medida, o país, expondo-nos um quadro diferente de outras corridas eleitorais no Brasil. Este ensaio analisa como pentecostais e católicos, através de suas pautas, convergiram com Bolsonaro, fazendo alianças políticas, ainda que o mesmo candidato divergisse de pressupostos cristãos em outros aspectos.

Os cristãos são analisados como conservadores e, em alguns casos, de fundamentalistas. Isto ocorre pois a cosmovisão dos cristãos parte de pressupostos da fé transpostos para a vida cotidiana, algo que não é bem visto pela comunidade acadêmica, que tende a colocar a religião em uma esfera privada, contudo, a sociedade brasileira está permeada de religiosidade, sendo possível detectar através das artes, das músicas, nas repartições públicas, etc.

---

seduzir a garçonete Marva (Lolita Davidovitch) e faz com que Jane conquiste Will Braverman (Liam Neeson), o xerife local, que está disposto a provar que Jonas é na verdade uma fraude.

O Brasil deixou de ser um país cristão oficialmente, mas o cristianismo continua hoje predominante, com uma diferença substancial nos últimos anos, os cristãos pentecostais cresceram e ainda crescem, ocupando cada vez mais a esfera pública. Com a finalidade de trabalharem suas pautas, a fim de estarem em um papel de destaque no parlamento brasileiro, bem como em outras áreas da sociedade.

Nosso texto se debruça em discutir percepções nas articulações de pentecostais e católicos com o então candidato Jair Messias Bolsonaro (PSL). Essas alianças se deram através de pautas comuns a ambos os grupos, com a finalidade de estabelecer o que chamam de nova política brasileira. Contudo, o que se apresenta são repetições de modelos já existentes desempenhados pelos antigos políticos brasileiros que continuam atuando no parlamento. Pentecostais e católicos estão de mãos dadas com o presidente eleito para fazerem valer seus acordos pré-eleitorais. O balcão da política nacional sempre foi um lugar de trocas e, ao que tudo indica, continua sendo.

O incomodo com o crescimento do pentecostalismo não significava uma grande ameaça em um primeiro momento, mas o avanço constante desse grupo foi se articulando, ocupando cargos legislativos, tanto em âmbito municipal, bem como estadual e, por último, no parlamento, de onde as articulações com católicos foram dando forma e força a Frente Parlamentar Evangélica (FPE), que a cada pleito eleitoral ganha mais algumas cadeiras no congresso nacional. Tornaram-se motivo de espanto aos analistas políticos que não supunham tamanha força desse grupo, entretanto, são vistos atualmente como um grupo que está presente em comissões importantes entre os deputados federais e senadores brasileiros.

Caminhar com pessoas que compreendem suas pautas políticas e as apoia foi a estratégia que Bolsonaro encontrou para que pudesse adentrar nas massas pentecostais e católicas. Pastores e padres ressaltaram apoio explícito em seus púlpitos e altares, algo que aparentemente nunca foi feito com tamanha veemência. O conservadorismo foi exalado juntamente com a vitória de Bolsonaro, demonstrando haver ainda uma sociedade preocupada com valores morais e, que em muitos casos, apoiam pautas extremas propostas pelo presidente, ainda que algumas delas sejam contrárias a fé desses cristãos.

Em contrapartida, os espaços conquistados pela esquerda foram diminuídos, muitas cadeiras no parlamento foram perdidas, talvez como fruto de estratégias mal elaboradas e executadas, talvez por reações populares contra a corrupção, talvez por medo dos rumos que o país poderia ter no futuro, enfim, a troca de perspectiva política foi a escolha soberana do povo brasileiro. Aos derrotados, restaram-lhes reconstruir seus caminhos políticos, propondo agendas que venham a encontro daquilo que os brasileiros

desejam nesses dias: autonomia econômica, prosperidade para a nação, mais emprego, investimentos em infraestrutura, saúde e segurança.

Em pouco mais de onze meses não podemos analisar a fundo o atual governo, contudo, a economia demonstra pequenas reações, alguma geração de novos empregos, mas é pouco diante da demanda que está posta. Não procuramos responsáveis, procuramos caminhos nos quais as pessoas possam apoiarem-se para continuarem suas vidas de forma agradável e digna. Os políticos pentecostais e católicos fizeram aliança com Bolsonaro pois observaram a possibilidade de oportunizar suas demandas políticas, algo que não encontram em outros candidatos, mesmo os pentecostais, mas reverberam um modelo político arcaico, insuficiente para atender as necessidades do povo brasileiro, que esperam um país mais justo, próspero e em crescimento. Surfar a onda política do presidente eleito é uma estratégia arriscada, pois não se sabe concretamente onde ela vai chegar, entretanto os políticos pentecostais e católicos não são pessoas de fora, mas de dentro do ambiente político, que fazem suas trocas conforme suas necessidades e, pareces-nos que esta foi mais uma.

### **Referências**

- ALENCAR, Gedeon Freire de. Um país laico com um governo terrivelmente cristão? *Interações*, Belo Horizonte, Brasil, vl. 14, n.º 25, p. 13-28, jan./jun. 2019.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente - conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos*. CEBRAP, São Paulo, Vl. 38, n.º 01, p. 185-213, Jan.–Abr. 2019.
- ASAD, Talal. *Genealogies of religion: discipline and reasons of power in Christianity and Islam*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.
- BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Religião e democracia. In: *Revista Estudos de Religião*, Vol. 27, n.º1, São Bernardo do Campo, 2013.
- CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Pastores das Assembleias de Deus: do apoliticismo escatológico ao aparelhamento moralista. *Interações*, Belo Horizonte, Brasil, v. 14, n. 25, p. 29-54, jan./jun. 2019.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. In: *Revista Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez, n.º 27, Belo Horizonte, 2004.
- GEERING, Lloyd. *Fundamentalismo: desafio ao mundo secular*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. 1ª ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Religião, cultura e política. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(2): 29-56, 2012.
- OLIVEIRA, David Mesquiati de. Pentecostalismo e política no Brasil. *Interações*, Belo Horizonte, Brasil, vl. 14, n.º 25, p. 08-12, jan./jun. 2019 - ISSN 1983-2478.

---

ORO, Ari Pedro. A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - VOL. 18 N°53, outubro/2003.

SOUZA, Sandra Duarte (org.). *Fundamentalismos Religiosos Contemporâneos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

XAVIER, Liniker. Eleições 2018 e os valores cristão na Escola Dominical - convergências e contradições pentecostais. In: *Interações*, Belo Horizonte, Brasil, vl. 14, n°. 25, p. 96-116, jan./jun. 2019.